

**As degredadas filhas de Eva:
diferentes percepções da corrupção nas personagens femininas em *A Bruxa* (2015)**

*The exiled daughters of Eve:
the different perceptions of corruption in the female characters in *The Witch* (2015)*

Janaina Wazlawick MULLER¹
Sarai Patricia SCHMIDT²

Resumo

O presente artigo aborda os processos de corrupção envolvendo personagens femininas no filme *A Bruxa* (2015). Levando em consideração que são essas personagens quem mais se intrincam ao sobrenatural e malignidade, o objetivo do texto se volta a investigação dos processos de corrupção específicos focados nas mulheres, fazendo alusão a queda bíblica de Eva e a perpetuação de uma percepção do feminino que estaria vinculado as experiências do pecado. Posto isto, mediante argumentos de autores como Michelle Perrot (2007) e Elizabeth Reis (1999), além de dizeres do *Martelo das Feiticeiras* (KRAEMER; SPRENGER, 2011), concluiu-se que a corrupção e o pecado atribuem significados diferentes para as personagens; em alguns momentos equivalendo ao sofrimento e a punição, o maligno também pode manifestar uma rota de libertação, ressignificando os processos de queda.

Palavras-chave: Feminino. Corrupção. Maligno.

Abstract

This article addresses the corruption processes involving female characters in the film *The Witch* (2015). Taking into account that it is these characters who are most intricate with the supernatural and malignity, the objective of the text turns to the investigation of the specific corruption processes focused on women, alluding to the biblical fall of Eve and the perpetuation of a perception of the feminine that would be linked to the experiences of sin. That said, based on the arguments of authors such as Michelle Perrot (2007) and Elizabeth Reis (1999), as well as sayings from *The Malleus Maleficarum* (KRAEMER; SPRENGER, 2011), it was concluded that corruption and sin attribute different meanings to the characters; at times equivalent to suffering and punishment, the evil one can also manifest a route of liberation, re-signifying the processes of fall.

Keywords: Feminine. Corruption. Evil.

¹ Doutoranda em Processos e Manifestações Culturais na Universidade Feevale. Bolsista CAPES.
E-mail: janainaw@feevale.br

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais na Universidade Feevale.
E-mail: saraischmidt@feevale.br

Introdução

Na Nova Inglaterra do século XVII, o diabo estava à solta. Havia uma guerra pelas almas e qualquer deslize poderia significar a danação eterna. Contudo, alguns sujeitos eram mais propensos ao pecado do que outros, afinal, nos escritos bíblicos, a corrupção tinha nome: Eva. Ao ouvir a Serpente e comer do fruto proibido, ela condenou a humanidade, especialmente suas descendentes – as Filhas de Eva, que estariam sempre a uma mordida da ruína. E é nesse cenário de corrupção e pecado que se dá o desenrolar de *A Bruxa* (2015); na narrativa, uma família de colonos puritanos é exilada e se estabelece nas proximidades de uma floresta. Sem desconfiar que invadiram o território de uma bruxa, os membros da família passam a ser acercados pela influência maligna, porém, são as personagens femininas – a mãe Katherine, sua primogênita Thomasin e a caçula Mercy, que vivenciam de maneira mais íntima os diferentes processos de corrupção propiciados pela Bruxa, que atua em conjunto com o próprio diabo.

Fundamentando-se nisso, o tema do presente artigo são os diferentes processos de corrupção e os significados do pecado para essas mulheres, incluindo a enigmática Bruxa. Enquanto objetivo, a pesquisa pretende pensar a respeito da perversidade, pecado e corrupção que atravessam as experiências das personagens, que ao serem imersas em um cenário de silenciamento e mistério, externam a ambiguidade demarcadora das aproximações entre feminino e Serpente. A organização metodológica se baseia na Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2011), mediante a qual foram elaboradas duas categorias: *Cicatrizes adquiridas* e *Marcas de nascença*. A primeira se refere a malignidade manifestada nas personagens através da interferência de elementos alheios, ao passo em que a segunda se centra nos conflitos e perversidade que as personagens trariam dentro de si desde o princípio. As categorias são trabalhadas em entrelaçamento, tendo em vista as compreensões múltiplas do mal que permeia a narrativa.

Contando com os argumentos de Michelle Perrot (2007), Elizabeth Reis (1999) e Jean Delumeau (1989) na estruturação dos caminhos teóricos, entende-se que as presenças femininas se encadeiam ao maligno e por ele são punidas, consumidas ou, até, libertadas. Tem-se, portanto, que a trama traz mulheres alinhadas a processos de corrupção que desestabilizam compreensões de pecado e malignidade. Elas seriam as representações do feminino expulso do Paraíso ao desejar os saberes proibidos; aquelas que queimam em fogueiras, são assassinadas, perseguidas e encarceradas, sujeitas às

ameaças de um lugar que constantemente tentou prová-las como o lado mais fraco da humanidade.

Pecadoras, santas e bruxas

Eva converteu-se na mãe e ruína de todos. Quando Deus fez seu julgamento, a sentença foi proferida em diálogo com a Serpente: “porque fizeste isso, maldita sejas tu [...]. Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a descendência dela. Esta te ferirá a cabeça e tu lhe ferirá o calcanhar.” (Gn, 3:14-15). E assim se teve um enlace perpétuo, como se mulher e Serpente estivessem atadas uma à outra, e entre o sagrado da criação e o profano da desobediência, a subjugação e a tentação incentivada pelo conhecimento, Eva foi colocada como personagem que agiu feito um “[...] instrumento dual entre a luz e a escuridão.” (ROBLES, 2013, p.42). É uma denúncia da perturbação que ronda o feminino; segundo essas crenças, mulheres estariam mais conectadas ao ciclo de vida e morte, sendo criaturas que “[...] criam, mas também destroem. [...]”. (DELUMEAU, 1989, p.312). Portadoras do caos, elas vivenciariam trilhas de arrependimento torturantes e a imposição de modelos inalcançáveis de conduta.

Pois, se Eva é protagonista, acima dela está a figura de uma mulher cuja pureza desvinculou-a da descendência maldita: Maria, mãe de Jesus. Ela consolidou a imagem de inocência e devoção, a qual deveria ser imitada por todas as meninas e mulheres. Na Bíblia, para Maria consta “Bendita és tu entre as mulheres [...]” (Lc, 1:42), em contraponto aos humanos perdidos que clamavam “a Vós bradamos, os degredados filhos de Eva [...]”³. Maria, então, consiste em um “[...] arquétipo por excelência da vida terrena incorrupta, em cuja passagem pela Terra [...] entregou-se a missão de consagrar a mais perfeita obra purificadora por uma humanidade castigada pelo pecado original desde a queda ancestral de Eva.” (ROBLES, 2013, p.298).

Todavia, nenhuma mortal poderia se elevar a tal pedestal de incorruptibilidade, porque na prática persistia a desconfiança do gênero onde Eva seria a norma, e Maria uma raríssima exceção. Por esse motivo, mulheres estariam condenadas a existir “[...] sem nitidez, na penumbra [...]” (PERROT, 2007, p.17), visto que, para quem andava nas margens do abismo infernal, qualquer deslize seria fatal, manifestando a histeria que

³Frase do hino católico “Salve Rainha”.

contribuiria na produção da mulher como pessoa acusável. (CLARK, 2006). Baseando-se no panorama aqui abordado, cabe o foco em um movimento que fez a sistematização da histeria: a Inquisição, iniciada formalmente em 1234 e que gradualmente centralizou a caça aos hereges em um inimigo particular – as bruxas. Buscando na Bíblia argumentos, a exemplo de “não deixarás com vida uma feiticeira” (Ex, 22:18), Inocêncio VIII veiculou em 1484 uma bula papal que formalizou a bruxaria na posição de inimiga basilar da Igreja, e aqueles que não reconhecessem o fato seriam suspeitos de adesão às práticas proibidas. (BAIGENT; LEIGH, 2001).

Por conseguinte, se edificava o contexto para a publicação do *Malleus Maleficarum*, ou “O Martelo das Feiticeiras”, de autoria dos inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger. Eles alegavam que, pelas mulheres serem suscetíveis aos desejos da carne e enfrentarem um problema de formação de origem bíblica, elas seriam imperfeitas e veriam na bruxaria uma alternativa tentadora: “portanto, a mulher perversa é, por natureza, mais propensa a hesitar na sua fé e, conseqüentemente, mais propensa a abjurá-la – fenômeno que conforma a raiz da bruxaria.” (KRAMER; SPRENGER, 2011, p.117). Fundamentando-se nos métodos do manual, inúmeras mulheres foram vitimadas pelos tribunais, que perduraram por séculos e se estabeleceram principalmente por países da Europa e nos Estados Unidos. E nisso, tem-se *A Bruxa* (2015).

O filme retrata a colonização da Nova Inglaterra do século XVII, quando vilas eram povoadas por puritanos. Segundo Reis (1999), eles acreditavam que eram personagens de uma batalha envolvendo divino e diabólico, e nem a fé poderia protegê-los, pois o mal se utilizava de artifícios convincentes para corromper a alma. Dessa maneira, qualquer conduta desviante era passível de condenação, o que resultava em diversos julgamentos, posto que as buscas pelo pecado eram esmagadoras e jogavam vizinhos contra vizinhos. (REIS, 1999). Se erigia um panorama perigoso no qual, longe do que era familiar, os colonos viviam em um espaço circunscrito pelos muros das vilas e experienciavam o medo do desconhecido. Havia, também, a desconfiança dos próprios vizinhos, sobretudo no que tangia as mulheres, dado que uma única bruxa poderia destruir toda uma vila: “[...] elas têm contato com o diabo. [...] A feiticeira é filha e irmã do diabo. Ela é o diabo, seu olhar mata: ela tem mau-olhado. Tem pretensão ao saber. [...]. A solução é uma só: extirpar o mal, destruí-las, queimá-las.” (PERROT, 2007, p.90).

Por consequência, meninas e mulheres deveriam ter atenção redobrada ao cumprimento dos mandamentos. Em uma sociedade de pecadores que almejavam a

redenção, o feminino era atravessado por uma mancha em forma de maçã – como se nelas houvesse monstrosidade que, ao menor estímulo, despertaria e corromperia tudo ao redor. Elas eram, então, abjetas, no sentido de que a abjeção “[...] é imoral, sinistra, intrigante e sombria: um terror que dissimula, um ódio que sorri, [...]”. (KRISTEVA, 1982, p.13, tradução nossa⁴). Logo, percebe que Katherine, Thomasin e Mercy poderiam tentar escapar do ciclo de corrupção que a Bruxa integra, porém, a influência do maligno estimula marcas profundas. Afinal, para as Evas resta a punição e ação da monstrosidade, em representação dos julgamentos para a parcela da humanidade que nasceu destinada ao pecado.

Filhas degradadas

Quando William e Katherine, os filhos Thomasin, Caleb, Mercy, Jonas e o bebê Samuel, são expulsos da vila, eles acreditam que este fato integra os desígnios de Deus. Para William e Kate, a aplicação da Bíblia deve ser literal, e naquele vilarejo, eles viam pecados sendo cometidos por seus vizinhos. No exílio, o casal enxerga uma libertação e a oportunidade de criar seus filhos em um ambiente livre de pecaminosidade. Ao encontrar a campina, eles têm certeza de que Deus lhes presenteou com um novo Éden, sem desconfiar que o lugar é amaldiçoado – e não demora para que o perverso se evidencie. O primeiro alvo é o bebê, que desaparece enquanto Thomasin cuidava dele. William e Caleb acreditam ter sido obra de um animal, ao passo em que Kate culpa sua filha, que não teria vigiado o irmão como deveria. Todavia, a verdade é que a criança foi levada por uma bruxa, que usou sangue e gordura do bebê em um ritual. E a mulher não se restringe a Samuel, dado que suas ações vão minando a vida familiar e a própria terra, impedindo a caça e destruindo plantações.

Após perder o bebê, Kate se dedica as orações, que não surtem efeito. Thomasin tenta recuperar a confiança ao fazer suas tarefas, ainda que considere injustas as recriminações que recebe. Também sua irmã mais nova, Mercy, complica a situação no que a perturba com brincadeiras que faz junto do bode da família, Black Philipp. E no fim, os esforços de Thomasin são inúteis em razão de que, certo dia, ela e Caleb escutam Kate sugerir ao marido o envio da primogênita para servir outra família – assim, haveria

⁴No original: “Abjection, on the other hand, is immoral, sinister, scheming, and shady: a terror that dissembles, a hatred that smiles [...]”.

uma boca a menos para alimentar. Por conta disso, os irmãos decidem arranjar comida na floresta, mas aquele é o território da Bruxa, e eles se separam por uma artimanha dela. Caleb é atraído pela mulher, que toma a forma de uma bela jovem e oferece a ele uma maçã, a qual o menino aceita e termina amaldiçoado. Mais tarde, Caleb é encontrado por Thomasin e morre pouco depois em meio a um estranho regozijo religioso.

Mercy, junto do gêmeo Jonas, acusa a irmã de ter arranjado a morte, o que é corroborado por Katherine. William interroga Thomasin, e conclui que nenhum dos filhos está falando a verdade, optando por castigá-los ao trancafiar os três no celeiro. Na madrugada, a Bruxa ataca as crianças, e em paralelo, Kate desperta e vê Samuel e Caleb na sala, ambos produzidos por ilusão do diabo. Na promessa de ficar com eles, a mulher assina o livro que lhe oferecem. No dia seguinte, William se depara com destroços e Thomasin, a única restante. Não restam dúvidas de que a filha é bruxa, mas antes que possa questioná-la, o homem é empalado por Black Phillip. Então, Katherine vê o cadáver do marido e sentencia que Thomasin providenciou a morte de todos. Depois agride a menina, e ao tentar se salvar, Thomasin pega uma ferramenta e apunhala a própria mãe.

Sozinha e encharcada de sangue, ela se afasta dos corpos e adormece dentro da casa. De noite, convencida de que Black Phillip é o diabo, Thomasin invoca o bode e ele a atende ao adotar forma de homem. A ela, são ofertados luxos em troca de sua alma. A menina não pestaneja e aceita, despindo-se segundo as ordens do diabo e escrevendo seu nome no livro. Na sequência, Thomasin entra na floresta e chega ao sabá, onde um grupo de mulheres nuas gritam ao redor de uma fogueira. A menina se junta a elas, seu corpo começa a flutuar para o céu noturno e, na medida em que é envolvida pela presença diabólica, Thomasin começa a gargalhar.

Nessa sinopse, se conheceram traços e destinos das personagens, e como, a partir delas, são externadas percepções de divino e diabólico, retidão e corrupção. Segundo o que consta em Gênesis, no princípio havia o Paraíso, que foi maculado quando a mulher e a Serpente se encontraram. Assim, se nos primórdios do tempo Lúcifer ousara ir contra Deus, a mulher perpetuara a corrupção ao negar as ordens expressas pelo divino. Nisso, o feminino foi associado ao perigo e a ruína, um tipo de “mal magnífico, prazer funesto, venenosa e enganadora, a mulher foi acusada pelo outro sexo de ter introduzido na terra o pecado, a desgraça e a morte.” (DELUMEAU, 1989, p.314).

Em *A Bruxa* (2015), o acercamento do maligno aparenta ter alvos em especial, já que a perversidade realiza um trabalho mais complexo e íntimo ao se aproximar de Kate,

Thomasin e Mercy, desestabilizando-as para que elas deixem os alicerces que constituíam suas crenças e adentrem o âmbito do mistério. O mal residiria nos ambientes fronteiriços, e no olhar cristão da heresia, pensando que a “[...] impureza bíblica é permeada pela tradição de contaminação [...]”, (KRISTEVA, 1982, p. 90, tradução nossa⁵), observa-se um conflito: ao mesmo tempo em que haveria nas personagens uma predisposição a contaminação, essas mulheres não estão completa e prontamente entregues ao mal. Ele precisa se aproximar, rodear e desordenar, contaminando-as gradualmente.

E é através desses conflitos que se dá o desenrolar das personagens: Katherine é a esposa obediente, o que se modifica após Samuel. A mulher tem a fé abalada em um prenúncio da corrupção, visto o papel da maternidade baseado no modelo de Maria, que “[...] não é mãe pela carne, mas pelo espírito, não transmite apenas a vida, mas também a fé.” (KNIBIEHLER, 2016, p.75). Para Kate, a estabilidade dos papéis se fragmenta e ela começa a desconfiar do que antes era certeza, uma vez que, ao invés da proteção divina, o que recebe é punição e perda. Depois da morte de Caleb, Kate se convence de que a filha é aliada do demônio, e os resquícios do apego ao divino desaparecem defronte a desestabilização de sua família. Então, estrutura-se a corrupção de sua alma ao se verificar a transição no objeto da fé: a personagem admite a intensidade do mal a rondá-los, que se sobrepõe a crença no poder de Deus. Percebe-se nessa associação a relação entre categorias, como se uma levasse a outra; nas cicatrizes de aflição que o destino impõe para Kate, abre-se um abismo dentro e ao redor dela, despertando tendências que os discursos cristãos afirmavam ser inerentes ao feminino.

Assim, na noite em que entrega sua alma, Kate conclui a transição e oficializa a queda quando, além de aceitar assinar o livro, ela recebe o bebê falso e o amamenta. Ao espectador, é revelado que a mulher traz um corvo junto do seio, tendo-se o corpo profanado pelo pássaro e assinalando a normativa da carne da mulher enquanto portal para a danação: “[...] o diabo poderia alcançar as almas das mulheres mais facilmente e romper esses ‘vasos mais fracos’ com maior frequência.” (REIS, 1999, p.93, tradução nossa⁶). Esclarece-se que as feridas que o corvo deixa no seio são representação das marcas de nascença que denunciariam uma inevitabilidade da queda, e sincronicamente, as cicatrizes adquiridas pelo sofrimento de uma mãe que não suportou a perda. Na

⁵ No original: “[...] biblical impurity is permeated with the tradition of defilement [...]”.

⁶ No original: “[...] the devil could reach women's souls more easily and breach these ‘weaker vessels’ with greater frequency.”.

sequência, as cenas de violência exprimem a completa desestruturação que o mal conquistou naquele círculo familiar. William e Katherine são mortos, evidenciando alguns pontos: o homem foi descartado com rapidez, sem tentativas de pactos ou sedução, e o diabo cumpriu as promessas, dado que Katherine se reuniu com os filhos na morte.

No que tange Mercy, cujo desfecho na trama é incerto, cabe considerar a relação dos gêmeos com Black Phillip e as particularidades da menina. Ela e Jonas são tratados como um par, mas é perceptível a responsabilidade de Mercy ao guiar o irmão – o que adquire peso quando se ressalta a dinâmica com Black Phillip que, também, se estende para a Bruxa. De acordo com Kramer e Sprenger (2011), feiticeiras interagiam e cultuavam o diabo que vinha vê-las como bode, julgado pela tradição cristã como “[...] sendo realmente um demônio, com a mesma forma, a forma do bode.” (CLARK, 2006, p.52). Na predominância de Mercy, pondera-se que a criança teria levado o irmão a se aproximar do demônio, reforçando a ideia do feminino incitador do pecado.

E no intuito de abordar as ações dessa personagem, destaca-se uma cena em que ela provoca a irmã mais velha: Thomasin lava as roupas do pai e Mercy, em aparição solo, surge montada em um graveto, alegando ser uma bruxa. A criança é repreendida por Thomasin, mas não recua, e afirma que pode fazer o que quer, pois é isso o que lhe prometeu Black Phillip. Caleb tenta refrear a discussão e nega o sobrenatural, todavia, Mercy insiste ao dizer que viu a Bruxa andando pela floresta. Nisso, se distingue que a criança tanto se comunica com o diabo em versão animal, quanto consegue ver a Bruxa quando nenhum de seus familiares teve a oportunidade. São fatos que contribuem para os conflitos em Mercy, que difere da mãe e da irmã; assim que se estabelecem na campina, a rotina da garotinha se funda em gritaria, desobediência e correria ao lado do bode. Ela fica circunscrita ao caos, como um tipo de menina agitada e, por conta disso, endiabrada (PERROT, 2007), delineando uma interpretação que suscita dúvidas quanto ao seu final incerto – pensando que no ataque ao celeiro, o destino de seu corpo não é conhecido.

Dando prosseguimento na análise, chega-se na personagem mais misteriosa. No presente texto, a Bruxa é mencionada com letra maiúscula porque o enredo não lhe dá nome ou rosto definido. O que se sabe, além da crueldade, é que essa mulher possui habilidades superiores aos humanos comuns, na reflexão de um posicionamento no qual se observa que mulheres somente poderiam possuir poderes caso fossem direcionados a prática do malévolo, sendo “[...] ao mesmo tempo, poder sobre as mulheres e poder das mulheres.” (PERROT, 2007, p.83). E na maçã para Caleb está a alusão a Eva, no

feminino que oferta o proibido e oferece o corpo para enfeitiçar, pontuando que “o corpo de uma bruxa manifestava claramente a alma aceitação da aliança diabólica.”. (REIS, 1999, p.94, tradução nossa⁷).

Pautando-se nas pistas que o filme fornece, a Bruxa fica limitada a uma existência monstruosa, cujas as ações são postas em conformidade com a concepção institucionalizada da mulher cruel, voltada ao exercício do perverso. Nesse sentido, ressaltam-se as palavras dos inquisidores para os hábitos das bruxas, particularmente as mais perigosas, “[...] essa classe compõe-se daquelas que, agindo contra o instinto da natureza e animal, têm por hábito matar e devorar crianças de sua própria espécie.”. (KRAMER; SPRENGER, 2011, p.214). Portanto, o desenvolvimento da Bruxa se fundamenta em pecado e atrocidade, relacionando-se a mulher que seria mais “[...] invadida que ele pela obscuridade, [...]”. (DELUMEAU, 1989, p.311).

Contudo, manter a Bruxa como ameaça também evidencia rastros de sua ambiguidade, já que a personagem integra uma estrutura cíclica. Somando-se a Thomasin e sua conversão final, se delineia um paralelo com a mulher que, um dia, foi uma humana a aceitar os termos do diabo. Quais foram os acontecimentos que levaram a Bruxa até esse momento? Quem ela perdeu e o que ambicionou ganhar ao assinar o nome no livro? São indagações vinculadas ao raciocínio de que, por trás do manto da perversidade, há uma narrativa não-contada. E nesse silêncio, pensa-se que há cicatrizes ignoradas em favor de uma imagem supostamente maligna em essência, anulando possibilidades de movimentos de empatia por uma criatura que serve a antagonização.

Por conseguinte, ao mencionar o elemento cíclico, pontua-se a dança perpétua do feminino e da Serpente – dança que, no filme, é especialmente protagonizada por Thomasin. Entre seus familiares, a menina é a última cair, fato no qual se distingue a dubiedade de sua jornada e destino. A jovem está no epicentro do mal e é a principal testemunha dos atos da Bruxa; é ela quem está presente quando Samuel e Caleb desaparecem, encontra Caleb durante a noite, sobrevive ao ataque no celeiro. E entretanto, é Thomasin quem mais resiste a essas influências e ações.

Logo no início da história, o lugar da menina é demarcado por silêncio e obediência, salientando que “em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas.”. (PERROT, 2007, p.17). Ela não deseja sair

⁷ No original: “A witch's body clearly manifested the soul's acceptance of the diabolical covenant.”.

da vila, mas deve seguir a família. Considera injustas as acusações feitas por seu pai e mãe, mas permanece ansiosa em agradar os genitores. Seus parentes lhe atribuem toda a sorte de falhas, e sua mera presença é considerada um perigo em potencial. Nisso, se apontam as periculosidades que a sociedade avistava na puberdade feminina, interpretada por muitos como “[...] idade inquietante, cheia de riscos, não apenas para cada donzela em particular, mas também para toda a coletividade.” (KNIBIEHLER, 2016, p.96).

Só que a despeito desses riscos, não é de Thomasin que parte a desordem. Enquanto a mãe se lamentava pelas perdas e o pai passava horas cortando lenha para descontar as frustrações, a menina lavava roupas, cuidava dos animais, tentava vigiar os irmãos. E independentemente dos esforços, o cenário onde estava inserida a posicionava como criatura abjeta mais propensa a cometer pecado e impelir o pecado nos outros. Nas palavras de Reis (1999, p.94, tradução nossa⁸), a alma feminina era uma incógnita perigosa, porque “[...] comprometida no feminino da mulher cujo corpo era frágil, submisso e passivo – qualidades que a maioria dos habitantes da Nova Inglaterra pensavam permitir a ela se tornar uma esposa de Cristo ou um fardo para Satanás.”.

Isto é, a conduta passiva era exigida de Thomasin, mas, paralelamente, essa mesma conduta poderia ser facilitador para sua corrupção. Seu contexto e família não permitiam uma escolha, e a falta de reconhecimento e retribuição de seus sentimentos acabaram resultando no isolamento que intensificou os tormentos da personagem. Dessa forma, as cicatrizes de Thomasin são os golpes que seu cotidiano aplica no silenciamento de suas emoções, vontades e opiniões, articulando-se aos significados de sua corrupção. De acordo com Kramer e Sprenger (2011, p.211), a tentação de uma jovem poderia ocorrer “[...] através da tristeza e da pobreza. [...] vendo-se na mais completa desesperança, desprezadas por todos, voltam-se para os demônios, em busca de auxílio e proteção.”. Estas são palavras que conduzem a uma sensação de inevitabilidade, como se ao fazer Thomasin testemunha do mal, fosse reforçado que de um jeito ou de outro, ela se entregaria ao monstro porque ele já estaria dentro dela.

Todavia, indaga-se acerca do destino irremediável de Thomasin. Ela viveu uma vida baseada na decisão de outros, e ao chegar na campina, seus pais disseram que o lugar era um presente divino e que na obediência aos mandamentos, eles certamente iriam prosperar. Mas, do que consistia o Paraíso? De plantações secas, lágrimas e morte. E no

⁸ No original: “[...] jeopardized in a woman's feminine body, was frail, submissive, and passive-qualities that most New Englanders thought would allow her to become either a wife to Christ or a drudge to Satan.”.

que resultara a obediência? Em desgraçada e perda. A inevitabilidade de sua corrupção está conectada a uma perspectiva cristã, e por essa razão, vislumbra-se uma ressignificação no que Thomasin aceita andar por um novo caminho antes denominado perdição.

Após a morte de Kate, a menina adormece e desperta durante a noite, porque é nesse período que as forças misteriosas se fortaleceriam: “era graças à sombra que se desenvolvia, acreditava-se, a maior parte dos sabás, sendo solidários pecado e escuridão.” (DELUMEAU, 2001, p.102). Em seguida, ela se levanta, livre do espatilho e da touca que ocultava o cabelo, pontuando que, conforme explana Perrot (2007), cabelos longos e abundantes eram associados a degradação da sensualidade e ao pecado. E quando Black Phillip atende ao seu chamado e faz ofertas, nota-se que não há mais em Thomasin silenciamento ou hesitação. De fato, restringir as promessas do diabo a uma escapatória da antiga vida é um olhar superficial para a transformação da personagem, pois, para Thomasin, o que se apresenta não é condenação infernal, mas uma nova existência.

Seu mundo era restrito a família, rotina e regras, e de repente, ela vislumbra um futuro diferente da rota pré-estabelecida externada em Kate e assentada em casar-se, entrar para a família do marido, ter filhos e dedicar-se a eles por completo, sempre atenta às normas de conduta e torcendo para que sua alma pecadora alcançasse redenção. Mas, o que essa redenção traria? Valeria a pena pagar por ela com uma vida de silêncio e subjugação? Logo se descobre qual a resposta de Thomasin. A menina assina o livro e anda por entre as árvores, sem mais temer a floresta porque, agora, ela também integra o desconhecido. Por fim, chega ao sabá.

Trata-se de uma jornada em que a corrupção da personagem se revela no desejo pela transformação e curiosidade pelo foi negado. Tal como Eva, ela aceita a tentação e prova do fruto proibido, contudo, como resultado, a vergonha da nudez desaparece e o que deixa para trás não é o Paraíso, mas um inferno particular. Nesse âmbito, apesar da associação normativa entre maligno e pecado, se vê que a corrupção se articula a uma perspectiva puritana porque, para Thomasin, a queda é ascensão – e ascensão literal, dado que o filme termina com a menina flutuando.

Trata-se de um desafio quando se pensa no desenvolvimento de antagonismo da Bruxa e nas tentativas de Thomasin em ficar dentro da ordem. Nessa percepção, a inevitabilidade do destino poderia ser pensada não enquanto mal naturalizado, mas como marcas de nascença delineadas na busca pela mudança que, por sua vez, era

constantemente sufocada pelas regras e ausência de controle sobre a própria vida. Assim, nas palavras de Clark (2006, p.179), “[...] as bruxas [...] eram mulheres que, pelo comportamento inspirado pelo mestre da inversão, o diabo, invertiam os atributos polarizados atribuídos aos gêneros [...]; e desses subversivos, elas eram consideradas as mais extremadas e mais perigosas.”.

Enfim, as personagens de *A Bruxa* (2015) são tão misteriosas quanto as forças que as circundam. Katherine, Thomasin e Mercy integravam um cenário onde se perpetuava a certeza de que a alma humana nascia perdida, e que fraqueza e tendência ao pecado eram constituintes da identidade feminina, instituindo limites que deveriam ser temidos e jamais ultrapassados. A Bruxa surge em contrapartida, representando as fronteiras desestabilizadas e a sugestão de que, no passado, ela foi uma mulher que escolheu seguir o diabo. Nesse caso, sua crueldade e violência corresponderiam a ideia do feminino que deveria permanecer subjogado, em virtude de que a escolha era demonizada. (REIS, 1999). Mediante essa perspectiva, mulheres que demonstrassem ambições, desvios e resistência, adentrariam a abjeção e se afastariam da condição de sujeito, sendo tratadas como “[...] as filhas de Eva, eternas tentadoras [...]”. (KNIBIEHLER, 2016, p.114).

Porém, esse é um olhar que limita Eva – e todas aquelas que dela vieram – a predestinação da vilania. Na multiplicidade de indivíduos, tentação e corrupção não se exercem da mesma maneira e nem enunciam os mesmos significados. No filme investigado, Katherine se desconstruiu ao ter a fé descentrada, e seu único momento de regozijo após chegar no Paraíso se dá na ilusão dos filhos mortos providenciada pelo diabo. Mercy é criatura desgarrada dos preceitos que regem sua família ao ter relação próxima com Black Phillip, ver a Bruxa e contribuir nas acusações à irmã mais velha. A mulher sem nome é feita de enigmas e intimamente vinculada ao perverso, insinuando que a obtenção de poder pelo feminino só poderia acontecer através de meios escusos e malignos. Thomasin é evidência do potencial contagioso da maleficência, ressignificando o bem ao encontrar salvação no que deveria ser danação. Ao aliar-se a outras perigosas como ela, a menina acha algo de si mesma, viabilizando a compreensão de que a busca pela liberdade é tão ambígua e fronteira quanto o que se entende de pecado e corrupção.

Considerações finais

Em *A Bruxa* (2015), se verificou a articulação do feminino e do pecado, como se desde o nascimento, mulheres carregassem dentro de si a maldição desencadeada por Eva. Também, se constatou o desejo pelo proibido que, embora encarcerado por convenções, permanece latente. Viu-se nas personagens femininas a oscilação entre luz e escuridão, benigno e maligno, pecado e virtude, e os significados plurais na interpretação da corrupção. Fundamentando-se nestas reflexões, o texto se alicerçou nas trajetórias de Katherine, Thomasin, Mercy e a Bruxa, investigando marcas e cicatrizes que o feminino transportaria e que se entrelaçariam ao pecado.

Posto isto, por meio das categorias *Marcas de Nascimento* e *Cicatrizes Adquiridas*, questionou-se a inevitabilidade do destino das mulheres da trama; mais do que sujeitos que o mal buscava, distinguiu-se que o sofrimento, isolamento e silenciamento contribuíram nos delineares dos caminhos de cada personagem. Katherine nega sua fé e deturpa a normatividade da maternidade ao preferir as ilusões do diabo. A menina Mercy não externa algo propriamente gradual por já se comunicar com Black Phillip, enunciando a ambiguidade com relação ao maligno que estaria ali desde antes do começo do filme. A Bruxa, que em outros tempos foi uma humana a aceitar o diabo, repassa a marca para Thomasin, que acolhe as ofertas e perpetua o ciclo de corrupção. Então, o que se conclui é que a predestinação maligna não é suficiente, sendo necessário artifícios, golpes e fragmentações que provocam o desestabilizar do que se entendia como certeza.

Feminino e a monstrosidade foram construídos e encadeados, confundindo-se em suas fronteiras dúbias que, através dos séculos, instigaram temor e desconfiança. Mas, se é exposta uma atração irresistível entre mulheres e pecado, há oscilações na compreensão dessas transgressões – afinal, a mordida na maçã equivaleu a expulsão do Paraíso e o vislumbre de um mundo mais amplo do que sugeriam os muros da suposta perfeição. Deste jeito, do que consistiria o Paraíso que a família encontrou nas proximidades da floresta?

Para Katherine, o novo Éden significou morte e destruição. Para Mercy, brincadeiras nas quais corria livremente ao lado do diabo. E para Thomasin, foi a exacerbação das regras que a controlavam, rotina que a enfezava e o destino que a aguardava. Na destruição do presumido Éden, a menina viu na corrupção um caminho inesperado para a libertação. São abordagens que assinalam incertezas: a Bruxa,

Thomasin, Kate e Mercy seriam vilãs ou heroínas? Monstros ou vítimas? Possivelmente, nenhuma das alternativas se aplicaria, visto que as marcas e cicatrizes que as atravessam estão além das oposições. Sendo filhas degradadas de Eva, elas carregam a busca pelo conhecimento, curiosidade e liberdade, enquanto travam um embate interminável contra a Serpente.

Referências

BAIGENT, Michael; LEIGH, Richard. **A inquisição**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução oficial da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2019.

A BRUXA: uma lenda da Nova Inglaterra. Direção: Robert Eggers. Brasil: Sony DADC Brasil, 2015. (92 min).

CLARK, Stuart. **Pensando com demônios**: a ideia da Bruxaria no princípio da Europa Moderna. São Paulo: EDUSP, 2006.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente**: 1300-1800, uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

KNIBIEHLER, Yvonne. **História da virgindade**. São Paulo: Contexto, 2016.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2011.

KRISTEVA, Julia. **Power of horror**: An Essay on Abjection. New York: Columbia University Press, 1982.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

REIS, Elizabeth. **Damned women**: sinners and witches in Puritan New England. Ithaca: Cornell University Press, 1999.

ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas**. São Paulo: Aleph, 2013.